



ISMENE DE SÓFOCLES: CONFLITO SOB TORPOR



ISMENE OF SOPHOCLES: CONFLICT UNDER TORPOR

CHRISLEN RIBEIRO DA CUNHA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 31/05/2021 • APROVADO EM 30/06/2021

Abstract

The text *Antigone* ends the Sophocles' trilogy about the Oedipus' legend. The conflict between Creon and Antigone has been addressed in different works since Antiquity, not being restricted to theatre, and also reverberating in fields of knowledge such as philosophy, politics, and psychoanalysis. The current article directs the investigation about the character Ismene, Antigone's sister, who is similarly affected by the prohibition on the conduct of Polynice's funeral honors. Haggard, Ismene deals with the eminence of a new loss: that of her sister, who is willing to pay with her own life for not fulfilling Creon's edict. Throughout distinct productions of authors such as Aristotle (2017), Coulanges (1998), and Bowlby (1982) it is possible to verify the complexity of Sophocles' composition, attesting that Ismene is not just a character created to highlight Antigone's panache.

Resumo

O texto *Antígone* encerra a trilogia de Sófocles a respeito da lenda de Édipo. O conflito entre Creon e Antígone tem sido abordado em diferentes obras desde a Antiguidade, não se restringindo ao teatro, e repercutindo também nos campos de conhecimento como filosofia, política e psicanálise. O presente artigo direciona a investigação sobre a personagem Ismene, irmã de Antígone, sendo assim, similarmente afetada pela proibição da realização das honras fúnebres de Polínicos. Abatida, Ismene lida com a eminência de uma nova perda: a da irmã, que está disposta a pagar com a própria vida pelo não cumprimento do édito de Creon. Através das produções de distintos autores como Aristóteles (2017), Coulanges (1998) e Bowlby (1982) é possível constatar

a complexidade da composição de Sófocles, atestando que Ismene não se resume a uma personagem criada para ressaltar o brio de Antígona.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Ismene. Antigone. Sophocles. Death. Grief.

PALAVRAS-CHAVE: Ismene. Antígone. Sófocles. Morte. Luto.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

Antígone permanece sendo uma personagem emblemática para a sociedade desde a sua composição na obra homônima de Sófocles (c. 496-406 a. C.). Além dos diferentes textos dramáticos criados a partir de seu mito ao longo da história, a filha de Édipo serve como paradigma para debates em campos do conhecimento como filosofia, direito, psicanálise, estudos de gênero, entre outros. Antígone é impedida de realizar os rituais fúnebres de um dos seus irmãos, Polinices, que faleceu ao reivindicar seu direito de governar Tebas contra Etéocles, também morto no conflito, contudo, sepultado como herói. Creon¹, o atual rei, é o responsável pelo édito que proíbe que as honras fúnebres de Polinices sejam realizadas. Através da imposição contrária ao desejo de Antígone e aos conselhos de outros agentes na peça, Creon se revela como um personagem também emblemático, sustentando o conflito na trama.

Ainda que o olhar do receptor da obra se concentre no conflito principal e nos dois personagens que representam polaridades, outros personagens engendram situações que contribuem para o desenvolvimento da trama. Proponho aqui a reflexão sobre a irmã de Antígone, Ismene, personagem que apresenta posicionamento distinto não só da irmã, mas de Creon, e que também é afetada pelas perdas dos irmãos. Ismene permite que o papel da mulher na sociedade grega seja exposto, assim como Antígone, bem como traz aspectos diferentes dos da irmã no que tange ao luto, ao viver e ao morrer.

2 SÓFOCLES

Antígone, texto composto aproximadamente em 441 a. C., se conecta com as tragédias **Édipo Rei** (427 a. C.) e **Édipo em Colono** (406 a. C.), ainda que existam intervalos extensos entre suas composições. Embora **Antígone** encerre os episódios da adaptação do tragediógrafo, sua composição precede as outras duas. Sófocles

¹ O presente artigo utiliza os nomes dos personagens e os trechos da peça de acordo com a tradução de Trajano Vieira (2016). Em comparação com a versão de Donald Schüler (1999) temos: Creon/Creonte; Antígone/Antígona.

escreveu aproximadamente 123 obras, que, além das três obras mencionadas, apenas quatro chegaram à atualidade, sendo elas: **Ájax** (445 a. C.), **As traquínicas** (430 a. C.), **Electra** (409-406 a. C.) e **Filoctetes** (409 a. C.).

Sófocles nasceu e viveu em Atenas, participando da efervescência cultural e política da *pólis* através de suas contribuições para o teatro e desempenhando trabalhos administrativos. É conhecido como um dos principais tragediógrafos gregos junto de Ésquilo (c. 525-455 a. C.) e Eurípides (c. 480-406 a. C.). Na **Poética**, o filósofo Aristóteles (c. 385-322 a. C.) discorreu sobre aspectos da tragédia, trazendo informações sobre as composições dos dramaturgos. O autor considerou as formas das obras de Sófocles bem elaboradas, sendo **Édipo Rei** uma importante referência no gênero dramático. Também atribuiu a Sófocles a introdução da cenografia na montagem dos espetáculos. Em comparação com a obra de Eurípides, Aristóteles apontou que os personagens de Sófocles apresentam os homens como eles deveriam ser, enquanto os de Eurípides apresentam os homens como eles são (Arist., *Poética*), o que demonstra a diversidade entre produções do mesmo período.

As obras de Sófocles se destacam como referências dentro da **Poética**, permitindo que aspectos da tragédia como a reviravolta, o reconhecimento e a função do coro, por exemplo, sejam abordados. O excerto a seguir demonstra essa dinâmica: “Nada deve haver de irreal nos acontecimentos dramáticos e, se não for assim, que ocorra fora do contexto da tragédia, como no Édipo de Sófocles.” (Arist., *Poética*, 15). O tragediógrafo é mencionado com prestígio durante diversas passagens do texto de Aristóteles, sobretudo acerca do **Édipo Rei**.

Através de sua abordagem sobre os mitos do Ciclo Tebano, elaborado com variações e tradições da lenda de Édipo, Sófocles permanece sendo relevante como dramaturgo, visto os recorrentes debates e montagens a partir de seus textos. Autores e pensadores de diferentes períodos e distintas áreas de conhecimento também desenvolveram trabalhos acerca desse mito, incluindo dramaturgos como Sêneca (4 a. C. – 65 d. C.) e Pierre Corneille (1606-1684), que compuseram suas versões do Édipo (ALBARRACIN, 2014; MAFRA, 2010), assim como o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), que fez alusão direta ao trabalho de Sófocles em uma de suas principais teorias, o Complexo de Édipo (2014).

3 MORTE NA GRÉCIA

O morrer reincide nas tragédias, porém, o modo como esse acontecimento é inserido em uma trama têm diferentes implicações no percurso de cada personagem. Johnny José Maфра fez uma distinção sobre a relação entre a morte e o trágico:

A leitura do teatro trágico mostra que a tragédia não está necessariamente na morte ou em semelhante ação catastrófica, embora a morte cause um impacto maior e, pelo menos momentaneamente, eleve o *páthos*. Está, sim, numa situação

irreconciliável, que não tem solução mesmo com a morte. (MAFRA, 2010, p.72).

Analisando a tragédia **Antígone** a partir dessa colocação é possível indicar que o trágico na trama está presente na irreversibilidade da desdita que acomete Tebas devido a inflexibilidade de Creon com relação ao sepultamento do sobrinho². As mortes de Antígone, Hémon e Eurídice acontecerão como consequência do erro trágico do rei (*harmatía*) e como sintoma da ruína da *pólis*.

A morte tem substancial impacto nos acontecimentos que antecedem e que se desenvolvem em **Antígone**. A perspectiva grega sobre a morte tem sua correspondência no conflito presente na peça, e, quando somado ao referencial histórico sobre a Antiguidade, adiciona camadas de significado para o receptor da obra.

Predominava na sociedade grega a ideia de que a morte não tem sentido de extinção do ser, mas sim uma mudança de vida, como apontou Fustel de Coulanges no livro intitulado **Cidade Antiga** (1998). Essa obra destaca a importância da execução dos ritos fúnebres para que a pessoa falecida consiga ter o seu local de estadia e repouso na eternidade. Não realizar as honras fúnebres significava manter o ente falecido em um estado de perturbação contínua, pois: “A alma que não possuía sepultura não possuía morada, e ficava errante.” (COULANGES, 1998, p. 14). O autor menciona que o medo da privação da sepultura era maior do que o medo da própria morte, informação que é compatível com a posição de Antígone, que se dispõe a abdicar da própria vida em detrimento do enterro do irmão.

De acordo com Coulanges, as relações de sangue eram relevantes no que tange a quem preside os procedimentos fúnebres e quem prestava homenagens posteriores, o que significa que na ausência de descendentes o morto estava sujeito à fome perpétua. Quando associamos esse preceito com o fim do enredo de **Antígone**, percebemos que a personagem Ismene se torna a última sobrevivente de sua estirpe, ou seja, representa o membro imprescindível que pode desempenhar os ritos aos membros de uma família.

Outra associação viável entre a peça e costumes mortuários na Antiguidade grega é o conflito entre Creon e Antígone, que ressalta as distintas funções desempenhadas por homens e mulheres nos ritos fúnebres. O procedimento era constituído por três etapas principais, conhecidas como *próthesis*, *ekphorá* e o enterro ou cremação. Na primeira etapa, *próthesis*, eram realizados os cuidados com o corpo na casa da família (*oikos*), realizando o banho, aplicação de óleos, colocação da vestimenta adequada e exposição do corpo (SANTOS, 2010; SOUZA, 2020). Sandra Ferreira dos Santos aponta que as mulheres possuíam autonomia dentro da casa nessas situações, sendo elas quem tocavam no corpo e quem conduziam as lamentações e os hinos ritualísticos (2010). Fontes iconográficas apresentam

² Creon não leva em consideração o descumprimento do acordo instaurado entre Etéocles e Polinices, que previa a alternância anual do trono entre ambos. Etéocles não havia cumprido o trato após o seu ano de governo, expulsando Polinices de Tebas, que reivindicou o trono posteriormente com o apoio conquistado em Argos. Os textos *Édipo em Colono* (Sófocles) e *Sete Contra Tebas* (Ésquilo) abordam o episódio.

figuras femininas realizando gestos de lamentações, entre eles, colocando as mãos na cabeça como quem arranca os cabelos (SOUZA, 2020).

A segunda etapa, *ekphorá*, consiste no cortejo fúnebre até a cova, onde ocorria a terceira etapa, o ato da cremação ou inumação (SANTOS, 2010; SOUZA, 2020). A intensidade das expressões das mulheres seguia durante todo o processo, enquanto os homens, de acordo com Rodrigo de Miranda: “[...] normativamente expressavam seu luto através de epitáfios e estelas funerárias, em mensagens públicas para os vivos neste contexto de publicização da morte representada pelos cemitérios nas cercanias das cidades.” (MIRANDA, 2020, p. 12).

Pelo protagonismo das mulheres na execução dos rituais fúnebres é possível imaginar os motivos que levam Creon e Antígone a divergirem sobre um mesmo acontecimento. Rodrigo de Miranda (2020) ressalta que havia um entendimento na sociedade que associava a lamentação das mulheres com a loucura, fator que poderia deslegitimar a expressão de pesar das mulheres, assim como poderia estimular o recalçamento de suas emoções, circunstâncias que podem ajudar a interpretar a postura relativamente distante de Ismene.

Além de dar sepultura aos mortos, havia procedimentos a serem executados continuamente, como o oferecimento de libações, que envolviam desde a oferta de alimentos ao morto até o cumprimento de emulações sobre o túmulo (COULANGES, 1998). Também eram realizadas festividades em homenagem aos mortos, como a *Genésia*, festa funerária que ocorria anualmente no âmbito familiar, exaltando a memória dos mortos. (SOUZA, 2020; ZAGONEL, 2019). Outra festividade era conhecida como *Marmitas*, celebração que tinha caráter comunitário e que era realizada a partir da ideia de que os mortos voltavam a terra para protegerem os vivos. (ZAGONEL, 2019).

O édito de Creon acarreta na impossibilidade de realizar as honras fúnebres, assim como também impede que as pessoas expressem seu luto através do lamento e do choro. Tendo a morte todas essas implicações sobre os vivos e sobre a ideia de experiência da alma na eternidade, a inflexibilidade de Creon é um ato trágico por excelência.

4 ISMENE

Ismene não se resume a uma personagem criada apenas para realçar a virtude de Antígone (LOUREIRO, 2015), evidenciando a complexidade da composição de Sófocles. A personagem também enfrenta o pesar de suas perdas familiares e a proibição de Creon sobre a inumação de Polinices, desventuras que ambas acreditam fazer parte do mal que paira sobre sua estirpe. A decisão de não contribuir de maneira prática com o plano de Antígone pode ser interpretada através de diferentes posicionamentos que a personagem apresenta no desenvolvimento do enredo. Assim como Antígone foi associada a diferentes teorias e linhas de pensamento, desenvolvo aqui uma análise da personagem Ismene de maneira símil, incluindo referências que pensaram sobre a Antiguidade, bem como a partir de analogias e anacronismos que fomentam a investigação.

A cena inicial do texto evolui a partir do diálogo entre as irmãs sobre o que poderia ser feito para dar sepultura a Polinices, momento em que a divergência entre elas aparece. Antígone planeja sepultar o irmão, colocando a sua vida em risco de forma consciente, enquanto Ismene não se sente capaz de fazer isso, visto que agir seria cumprir a moira e ir de encontro a desgraça, além das implicações com relação a posição desfavorecida das mulheres na sociedade em que vivem (*Antígone* vv. 49-67).

De acordo com a análise de Trajano Vieira: “Os heróis de Sófocles caracterizam-se pela situação de total isolamento em que se colocam. Revelam aversão, desinteresse ou incapacidade na avaliação dos pontos-de-vista de seus interlocutores.” (VIEIRA, 2016, p. 11). Neste sentido, Antígone não abre mão de qualquer alteração de seus planos, entretanto, Ismene se diferencia se levarmos em conta que a personagem ouve o plano atentamente, faz questionamentos sobre a exequibilidade, decide não participar, aconselha a irmã e se compromete com o que acha possível: manter o sigilo sobre a proposta.

Em suas falas, Ismene apresenta aspectos de entorpecimento após a dor da perda dos irmãos, o que de alguma maneira pode ter influenciado a decisão de não participar da execução do plano de Antígone, uma vez que a debilidade não projeta expectativas de mudanças. O seguinte trecho indica como a personagem se sentia com relação a novos acontecimentos, sem reações por causa da dor da perda:

ISMENE:

Desde que nos privamos ambas de ambos
os irmãos num só dia, pela ação
de mãos recíprocas, nada escutei
de alegre ou triste. Após argivos irem
noite adentro, nenhuma novidade
aliviou meu sofrimento antigo
ou agravou-me a agrura que carpia.
(S., *Ant.*, vv. 11-17).

O psiquiatra inglês John Bowlby (1907-1990) descreveu esse aspecto de entorpecimento como dominante em uma das fases do luto em que a pessoa evita seus sentimentos por medo de enlouquecer, aparentando relativa calma. Outras fases do luto apresentadas por estudos do autor incluem também a fase da busca da pessoa perdida, a fase do desespero e a fase de reorganização. (BOWLBY, 1982). Essas fases não são categorias estáticas, podendo variar de ordem e intensidade em cada caso. Ainda que distante temporalmente do período de produção da tragédia de Sófocles, os conhecimentos advindos dos estudos sobre o luto ajudam a entender características inerentes ao ser humano e aos vínculos que constituem e se rompem durante a vida, permitindo novas perspectivas sobre a personagem na atualidade.

Mesmo que se enfureça e queira a ajuda de Ismene, Antígone respeita o direito de escolha da irmã (vv. 69-72 e v. 83). As dores das perdas anteriores paralisam e enfraquecem Ismene, de maneira antagônica, movem e fortalecem o desejo de Antígone, que afirma que só irá parar no momento em que lhe faltarem

forças (v. 91). Os relatos de Ismene indicam que a personagem chegou nesse ponto onde lhe faltam forças, fato que Antígone não conseguiu notar naquele momento.

A convicção com relação ao repouso nos inferos sustentam as decisões de Antígone, inclusive justificando a necessidade de realizar o sepultamento do irmão; por outro lado, Ismene não expressa suas crenças no sagrado, deixando em aberto o seu entendimento acerca do que ocorre após a morte. Manifestar desdém ou dúvida com relação a religião da *pólis* poderia ser considerado um ato contrário a unidade da comunidade (GODOY, 2003), e, sendo essa a circunstância de Ismene, a personagem agravaria sua situação.

Também existe a possibilidade de que para Ismene as leis da *pólis* se sobressaiam às leis divinas, respeitando-as por obrigação, não por partilhar da posição de Creon. A fricção entre leis sagradas e leis promulgadas pelos seres humanos não faz com que Antígone e Creon abdicuem de seus desejos, contudo, podem deixar outros personagens ou até mesmo os espectadores hesitantes sobre este desacordo. Apesar das inúmeras possibilidades de interpretações sobre Ismene, é notório que a personagem se mostra mais inclinada a fazer algo pelos vivos do que pelos mortos.

Ao comparar as irmãs, José Gabriel Trindade Santos destaca que: “Antígone desafia a ordem política, em nome do humano. Ismene, percebendo a dimensão do conflito, assume a atitude própria de uma mulher: demite-se, reconhecendo a sua impotência.” (SANTOS, 2005, p. 80). Ainda que Ismene tenha um poder limitado por ser uma mulher, e isso restringe sua conduta, suas tentativas de colaborar com a irmã merecem ser salientadas, visto que a personagem faz uso da razão e da argumentação contra Creon, mostrando seu modo de operar diante do seu entendimento do conflito.

Creon infere que houve participação de Ismene na tentativa de sepultar Polinices, agindo de forma especulativa, como é possível perceber no momento em que Ismene entra em cena pela segunda vez:

CREON:
 Ei!, Psiu!, falo contigo mesma, víbora
 que me sugava o sangue na surdina.
 E o tolo aqui não via que nutria
 a dupla usurpa-trono! Vai! Confirma:
 a ajudaste ou dirás “não é comigo”?
 (S., *Ant.*, vv. 531-535).

Neste momento a faceta conflituosa de Ismene se sobressai, quando revela o desejo de assumir a culpa pelo ato da irmã. Tendo negado ajuda à Antígone, por que aceitar a punição pela violação que não cometera? Possivelmente o destino de Antígone se tornava sólido para a irmã, culminando em uma reavaliação a respeito da situação que vivem. Ver o sofrimento de Antígone e a possibilidade de perdê-la altera o entorpecimento de Ismene, que passa por um novo choque, expresso na fala:

ISMENE:

A vida se esvazia se me faltas.
(S., *Ant.*, v. 548).

Na tentativa de convencer Creon a não punir sua irmã, Ismene menciona o noivado entre Hémon, seu filho, e Antígone, contudo, a resposta de Creon remete mais uma vez ao lugar desprivilegiado da mulher na sociedade grega, que, como indica Adriane da Silva Duarte: “[...] idealiza a mulher produtiva, sempre atarefada, contribuindo para a manutenção do lar e da família.” (DUARTE, 2020, p. 27). Vivendo sob a tutela do pai e posteriormente do marido, a vida das mulheres é direcionada ao cerceamento no lar. Devido a essa percepção social, Creon desdenha ao responder Ismene:

ISMENE:
Assassina a noiva de teu filho?
CREON:
Há campos virgens, prontos ao plantio.
ISMENE:
É rara a conjunção que une um par.
CREON:
Um filho meu não se une à fêmea sórdida.
(S., *Ant.*, vv. 568-571).

Antígone reage à mudança de posicionamento da irmã de forma ríspida, diferente do momento em que a personagem respeitou a escolha de Ismene de não fazer parte do plano para dar sepultura a Polinices. Creon responde de maneira a contribuir com pesar de Ismene, que deduz a inexorabilidade da morte de Antígone (v. 576). Após esse momento, Ismene não retorna mais a cena, pois Creon ordena que as irmãs sejam levadas para dentro. Antígone já tem seu destino traçado para os inferos, enquanto Ismene permanecerá como a testemunha do infortúnio dos descendentes de Édipo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionar a tragédia de Sófocles com questões pertinentes à contemporaneidade é uma maneira de evidenciar a relevância que esta obra possui, fomentando a elaboração de analogias e reflexões inéditas a partir da complexidade de seu enredo. Algumas versões da peça fizeram conexões com o período histórico em que seus autores viviam, como analisou Sara Rojo (2000) a partir dos textos de Jean Anouilh, Bertolt Brecht e Griselda Gambaro. No campo da psicanálise, a obra também fomentou reflexões de Jacques Lacan a respeito do desejo e da ética no **Livro 7 d'O Seminário** (1959-1960).

No que a tragédia apresenta como propulsor de elucubrações, temos o decreto de Creon, que interfere sobre a expressão de luto coletivo e individual,

proibindo não só as exéquias como também o choro pelo morto (vv. 204-205). O poder do rei promove o medo, presente em Ismene, no guarda, nos cidadãos de Tebas e no Coro, mas Antígone se opõe ao promulgador das leis da *pólis*.

As irmãs apresentam a continuidade dos males que também afetaram Édipo, como menciona a própria Antígone e o Coro durante o desenvolvimento do enredo (vv. 1-4; 471-472; 594-603 e v. 856), sendo este um fardo familiar e que ressoa na comunidade. A atenção voltada para Ismene como uma personagem independente, e não como uma um elemento da composição que exclusivamente ressalta Antígone, permite que reflexões sobre o posicionamento do indivíduo diante da morte e reflexões com relação a fé na Antiguidade sejam realizadas. A irmã de Antígone possui ações singulares, visto que na tentativa de se mostrar disponível, por exemplo, pergunta o que poderia fazer na dada situação e ouve os planos de Antígone com atenção, mesmo ciente do decreto de Creon.

Os personagens de Sófocles perderiam parte de seu heroísmo se apresentassem maior maleabilidade, segundo Vieira (2016). Ismene desempenha o papel contrário, apresentando dúvidas, hesitações e mudanças, características que ressaltam a singularidade da personagem, e por isso, sua importância na dramaturgia.

Em **Édipo em Colono** a personagem desempenha uma função de mensageira, levando ao pai a mensagem do conflito entre seus irmãos, evento que antecede **Antígone**. Sendo Ismene a sobrevivente da sina de sua família, a personagem permanece simbolicamente como a continuidade da transmissão do mito de Édipo, narrativa que continua fomentando elucidacões sobre os vivos e os mortos.

Referências

ALBARRACIN, Maria Izabel C. S. A recepção do mito de Édipo por Pierre Corneille. *In: Jornada nacional de linguística e filologia da língua Portuguesa*, 9., 2014, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Círculo fluminense de estudos filológicos e linguísticos, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ix_jnlflp/completos/A%20recep%C3%A7%C3%A3o%20do%20mito%20de%20%C3%89dipo%20-%20MARIA.pdf Acesso em: 10 abr. 2021.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DUARTE, Adriana da Silva. Laços de família: mães e filhos na Atenas Clássica. SOUZA, C. D. de; SILVA, A. de O. (org). *In: Morte e vida na Grécia Antiga: olhares interdisciplinares*. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 26-46. *E-book*. Disponível em:

https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/Morte_e_Vida_na_Gr%C3%A9cia_Antiga_olhares_interdisciplinares_08.12.pdf Acesso em: 27 mar. 2021.

FREUD, Sigmund. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *In: Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916 1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 424-449.

GODOY, Arnaldo Moraes. O julgamento de Sócrates. **Revista sequência**. Florianópolis: v. 24, n. 46, PPGD/UFSC, p. 11-27, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15289/13892> Acesso em: 15 abr. 2021.

LOUREIRO, João Diogo. Quatro funerais e um casamento mortos e vivos na Antígona de Sófocles. *In: POCIÑA, A. et al. (coord.). Antígona: a eterna sedução da filha de Édipo*. São Paulo: Annablume Editora, 2015. p. 51-61.

MAFRA, Johnny José. **Cultura clássica grega e latina: temas fundadores da literatura ocidental**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

MIRANDA, Rodrigo de. O luto das mulheres na Antígona, de Sófocles. **Calíope: presença clássica**. Rio de Janeiro: ano 37, n. 39, PPGLC/UFRJ, p. 4-33, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/35277/22915> Acesso em: 27 mar. 2021.

ROJO, Sara. Antígona e o desejo. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 7, p. 258-264, dez. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1235> Acesso em: 10 abr. 2021.

SANTOS, José Gabriel Trindade. Antígona sem explicações. **Revista do Instituto Hypnos e da Fac. de Filosofia de São Bento**. São Paulo: ano 10, n. 15, Faculdade de Filosofia de São Bento, p. 69-84, 2005. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/401/419> Acesso em: 27 mar. 2021.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. Ritos funerários na Grécia Antiga: um espaço feminino. *In: Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo*, 1, Rio de Janeiro, 2010. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010. p. 348-365, 2010. Disponível em: <http://neauerj.com/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf> Acesso em: 13 out. 2020.

SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução Donald Schüler, Porto Alegre: L&PM, 1999.

SÓFOCLES. **Antígone de Sófocles**. Tradução e introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SOUZA, Camila Diogo de. Os rituais funerários na Grécia Antiga: construindo a memória (i)material. SOUZA, C. D. de; SILVA, A. de O. (org). *In: Morte e vida na Grécia Antiga: olhares interdisciplinares*. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 312-343. *E-book*. Disponível em:
https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/edufpi/Morte_e_Vida_na_Gr%C3%A9cia_Antiga_olhares_interdisciplinares_08.12.pdf Acesso em: 27 mar. 2021.

ZAGONEL, Maurício Luís. A morte como passagem da alma para o Hades. **COMFILOTEC**. [São Paulo]: v. 9, n. 5, FAPCOM, p. 4-17, 2019. Disponível em:
<https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/297/260> Acesso em: 18 mar. 2021.

ZANIRATTO, Cristiane Patrícia. **Tradução, comentário e notas de Édipo em Colono de Sófocles**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em:
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270353/1/Zaniratto_Cristiane_Patricia_M.pdf Acesso em: 14 abr. 2021.

Para citar este artigo

CUNHA, C. R. da. Ismene de Sófocles: conflito sob torpor. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 425-435.

O autor

CHRISLEN RIBEIRO DA CUNHA é discente do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com interesse nas áreas de dramaturgia, encenação e história do teatro, bem como suas relações com psicologia e tanatologia. Integra o programa PIBIC como bolsista no ciclo 2020/2021 com o Projeto de Pesquisa intitulado *Morituri te Salutant: a Representação da Morte*. Tem experiência prática como ator e encenador.